



LINS - SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE LINS - SÃO PAULO

Atendente de Atividades
Infantis

CONCURSO PÚBLICO N.º 01/2024

CÓD: SL-078MR-24
7908433251095

Língua Portuguesa

1. Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários)	7
2. Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras.....	9
3. Pontuação	10
4. Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem.....	12
5. Concordância verbal e nominal	21
6. Regência verbal e nominal.....	22
7. Colocação pronominal	24
8. Crase	25

Matemática

1. Resolução de situações-problema, envolvendo: adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação ou radiciação com números racionais, nas suas representações fracionária ou decimal.....	33
2. Mínimo múltiplo comum; Máximo divisor comum	34
3. Porcentagem.....	35
4. Razão e proporção	36
5. Regra de três simples ou composta	38
6. Equações do 1º ou do 2º graus	39
7. Sistema de equações do 1º grau.....	42
8. Grandezas e medidas – quantidade, tempo, comprimento, superfície, capacidade e massa	44
9. Relação entre grandezas – tabela ou gráfico	46
10. Tratamento da informação – média aritmética simples	50
11. Noções de Geometria – forma, ângulos, área, perímetro, volume, Teoremas de Pitágoras ou de Tales.....	51

Noções de Informática

1. MS-Windows 10: conceito de pastas, diretórios, arquivos e atalhos, área de trabalho, área de transferência, manipulação de arquivos e pastas, uso dos menus, programas e aplicativos, interação com o conjunto de aplicativos MS-Office 2016	65
2. MS-Word 2016: estrutura básica dos documentos, edição e formatação de textos, cabeçalhos, parágrafos, fontes, colunas, marcadores simbólicos e numéricos, tabelas, impressão, controle de quebras e numeração de páginas, legendas, índices, inserção de objetos, campos predefinidos, caixas de texto.....	85
3. MS-Excel 2016: estrutura básica das planilhas, conceitos de células, linhas, colunas, pastas e gráficos, elaboração de tabelas e gráficos, uso de fórmulas, funções e macros, impressão, inserção de objetos, campos predefinidos, controle de quebras e numeração de páginas, obtenção de dados externos, classificação de dados	94
4. MS-PowerPoint 2016: estrutura básica das apresentações, conceitos de slides, anotações, régua, guias, cabeçalhos e rodapés, noções de edição e formatação de apresentações, inserção de objetos, numeração de páginas, botões de ação, animação e transição entre slides.....	102
5. Correio Eletrônico: uso de correio eletrônico, preparo e envio de mensagens, anexação de arquivos	108
6. Internet: navegação na internet, conceitos de URL, links, sites, busca e impressão de páginas	111

Conhecimentos Específicos

Atendente de Atividades Infantis

1. A prática educativa do Atendente nas Atividades Infantis.....	121
2. A observação, o registro e a avaliação formativa.....	138
3. A organização e o planejamento do espaço na educação infantil	145
4. A pedagogia de projetos didáticos.....	146
5. As relações entre a escola e a família	146
6. O comportamento infantil – o desenvolvimento dos afetos e das relações	146
7. O compartilhamento da ação educativa	147
8. O cuidar e o educar	147
9. Os ambientes de aprendizagem na educação infantil: A brincadeira e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade ..	149
10. A brincadeira na educação infantil nas perspectivas psicossociais, educacionais e lúdicas	159
11. Alfabetização.....	163
12. O currículo e a pedagogia da brincadeira	165
13. O desenvolvimento da linguagem oral	165
14. O desenvolvimento das artes visuais e do movimento.....	167
15. O trabalho com as múltiplas linguagens	168
16. A formação pessoal e social da criança: A criança, a natureza e a sociedade	168
17. As interações criança/criança como recurso de desenvolvimento: identidade e autonomia.....	174
18. O desenvolvimento humano em processo de construção – Piaget, Vygostky e Wallom	175
19. O desenvolvimento da motricidade: A importância da psicomotricidade na educação infantil	178
20. A psicomotricidade no desenvolvimento da criança	179
21. O lúdico e o desenvolvimento psicomotor	179
22. O papel da educação psicomotora na escola.....	179
23. A matemática na Educação Infantil: Ensinar e aprender matemática na educação infantil	179
24. Espaço e forma	180
25. Grandezas e medidas.....	180
26. Número e sistema de numeração.....	180
27. Estatuto do Magistério Municipal LCM nº 1.488/16 e suas alterações (LCM nº 1.583/17 e nº 1.741/23).....	183

Pensando nisso, como estreitar os laços entre escola e família?

Uma das respostas possíveis é: investindo em comunicação escolar dinâmica e eficiente.

Isso porque é a falta de tempo de acompanhar presencialmente a rotina escolar do filho que pode esfriar a relação entre escola e família.

Hoje, a escola pode (e precisa) se adaptar às novas formas de comunicação, diante da complexidade das tarefas atribuídas às pessoas – que são pais e também trabalhadores.

Ferramentas tecnológicas, como aplicativos de comunicação já colaboram com muitas escolas nesse sentido. Uma Agenda Digital permite que a família tenha acesso a demandas e rotinas escolares na palma das mãos.

O aplicativo de comunicação escolar é peça chave para melhorar a relação da escola com a família porque se adapta a realidade das novas formas de comunicação, deixando os bilhetes de papel de lado.

Dessa forma, a comunicação escolar eficiente é um passo rumo a melhoria desse trabalho conjunto de formação de uma pessoa.

Relação entre escola e família: dicas para uma educação eficiente

Crie uma cultura de diálogo

A escola precisa ser um espaço democrático, com diálogos que objetivem o melhor para o coletivo de alunos.

Sendo assim, invista em comunicação escolar. Abra canais para que a família possa se comunicar – seja presencialmente, com reuniões periódicas ou por meio de um aplicativo de comunicação.

Procure entender as demandas das famílias, construa o costume de dialogar, debater ideias e tomar a melhor decisão tendo em vista o processo educacional.

Feedback e sugestões são sempre bem-vindos. As famílias precisam sugerir propostas que possam complementar o ensino dos filhos, interessando-se pelas possíveis dificuldades que possam aparecer durante a aprendizagem.

Lembre-se: ouvir necessita respeito e vontade de compreender a demanda do outro.

Família sempre na escola

Não permita que a presença familiar se limite a resolução de problemas. Aproxime-os de tudo: seja com eventos, atividades colaborativas, decisões conjuntas, ações solidárias ou no combate ao bullying.

Não deixe a família apenas informada. Chame-a para participar e decidir diversos aspectos do processo educacional. Você pode convidá-los para revisar o Projeto Político Pedagógico da escola, por exemplo.

A melhora da relação entre escola e família permite que as duas partes identifiquem as dificuldades da criança dentro e fora da escola. Essa troca de informações é essencial para fazer as melhores escolhas.

Filho x aluno

O aluno é diferente do filho. É preciso entender os diferentes papéis sociais que as crianças exercem dentro e fora da escola. Para as famílias, é preciso compreender o papel dos filhos como alunos, dando espaço para que eles assumam as responsabilidades desta função e aprendam a resolver eventuais problemas.

É muito importante que a escola colabore com a família nesse processo de compreensão do aluno em todos os papéis sociais que ele exerce e virá a exercer. Por isso, alinhe os objetivos da escola com as famílias e delimite os papéis de cada um.

Realize reuniões periódicas

Convoque reuniões periódicas. Abra espaço para as famílias participarem da decisão da pauta e ressalte sempre a importância da presença dos responsáveis na atividade.

Não esqueça de garantir que todas as informações importantes sejam passadas com clareza e que os pais se sintam à vontade para tirar dúvidas e fazer suas colocações.

Família-escola e as responsabilidades no educar

O que se tem observado nas escolas é que a família delega a tarefa de educar os filhos à escola e aos professores, eximindo-se de seu papel de parceira na educação da criança. Malheiro (2010) acredita que os pais e responsáveis não podem transferir totalmente para a escola a difícil tarefa de educar, esquivando-se da sua principal responsabilidade: acompanhar a formação integral do seu filho.

Para muitas crianças, frequentar a escola é fugir da agressão, da exploração, elas não sabem se seus pais são seus orientadores, seus amigos. Ferreira (2002) declara que, no Brasil, a violência exercida por pais ou responsáveis contra suas crianças e adolescentes é considerada pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública de grande expressividade e que tem gerado preocupações naqueles que, em função das atividades que exercem, deparam-se cotidianamente com seus efeitos e consequências.

Se verificarmos a mudança ocorrida na estrutura, na organização e nos padrões familiares, nas últimas décadas, percebe-se que as expectativas e os papéis de seus membros foram se alterando gradativamente, afetando as relações, a interação e o cotidiano das famílias. A família, muitas vezes, tem deixado de ser modelo referencial e responsável pela formação de valores. Será que desenvolvimento tecnológico tem influenciado tais mudanças ou é devido ao materialismo e ao estresse, atualmente vivenciados?

Dessen e Polônia (2007) acreditam que as transformações tecnológicas, sociais e econômicas têm favorecido mudanças na estrutura familiar e afetado diretamente a elaboração do conhecimento e as formas de interação no cotidiano das famílias, que por sua vez influenciam as mudanças sociais e influenciarão relacionamentos e sistemas sociais, dentre eles a escola.

Viabilizar uma educação conjunta entre escola e família tem se tornado uma tarefa árdua. A escola tem seu papel fundamental, mas a família é o pilar para as bases do relacionamento humano, é o ambiente onde seu desenvolvimento acontece e é aprimorado ao longo da vida.

Tanto a família quanto a escola são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento. As duas desempenham papéis fundamentais no processo evolutivo do ser humano sendo ele o físico, intelectual, emocional e social. Na escola são os conteúdos que promovem o conhecimento dando enfoque maior que é relacionado ao ensino-aprendizagem. Na família, o objetivo dos conteúdos se diferencia, dando ênfase ao processo de socializar, proteger, oferecer condições básicas para a sobrevivência social, cognitiva e afetiva. Na família é que se estabelecem relações de pai, mãe, filhos e irmãos, esposa, marido, a partir dali iniciam-se laços que irão se modificando de acordo com suas progressões.

regras, valores. Identidade e autonomia é resultado da construção do próprio cotidiano em sala de educação infantil, onde a criança necessita estar conhecendo, desenvolvendo e utilizando seus recursos pessoais e naturais, para fazer frente às diferentes situações que surgirão.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO EM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO – PIAGET, VYGOSTKY E WALLON

Ao falarmos sobre Teoria da Aprendizagem, entendemos que é uma construção humana para interpretar sistematicamente a área de conhecimento chamada de aprendizagem.

“Teorias expressam relações entre conceitos, porém são mais abrangentes, envolvendo muitos conceitos e princípios. Subjacentes às teorias estão sistemas de valores aos quais são chamados de filosofias ou visões de mundo. Para as teorias de aprendizagem são três as filosofias subjacentes; a comportamentalista (behaviorismo), a humanista e a cognitivista (construtivismo).”

Na teoria do Inatismo, podemos definir uma ideologia filosófica da qual acredita ser o conhecimento de um indivíduo uma característica inata, ou seja, que nasce com ele. Nesta teoria, a ideia do conhecimento desenvolvido a partir das aprendizagens e experiências individuais de cada pessoa é desacreditado. Para os defensores da teoria do inatismo, todas as qualidades e capacidades básicas de conhecimento do ser humano já estariam presentes na pessoa desde o seu nascimento, ou seja, o indivíduo (segundo esta teoria) já nasce inteligente e capaz ou não.

Estas qualidades seriam transmitidas através da hereditariedade, em outras palavras, são características repassadas de pais para filhos por meio da herança genética.

O pensamento inatista descarta a possibilidade de aperfeiçoamento do ser humano, sendo que este não teria capacidades de evoluir ou possibilidades de mudanças após o seu nascimento.

As teorias comportamentalistas, ou o behaviorismo, são uma corrente que afirma que o único objeto de estudo da psicologia é o comportamento observável e susceptível de ser medido. De acordo com esta corrente, o comportamento dos indivíduos é observável, mensurável e controlável cientificamente, tal como acontece com os fatos estudados pelas ciências naturais e exatas.

O fundamento da teoria comportamentalista/behaviorista, no que diz respeito concretamente à aprendizagem, reside no conceito de associação: a aprendizagem é resultado de conexões, de associações entre Estímulos (E) e respostas (R).

Para esta corrente, o reforço assume um papel fundamental no processo de aprendizagem. Na sequência de uma resposta e em função do seu trabalho deve ser fornecido um estímulo. Em consequência disso, em futuras situações idênticas, aumentará a probabilidade de ser dada a mesma resposta ou, pelo contrário, esse estímulo levará ao seu desaparecimento.

A Teoria da Aprendizagem Interacionista apoia-se na ideia de interação entre organismo e meio e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida, não estando pronto ao nascer, nem sendo adquirido passivamente graças às pressões do meio. Os defensores dessa teoria acreditam numa complexa combinação de influências que podem favorecer o processo de aprendizagem. O ser humano não é compreendido como ser passivo, mas, ao contrário, assume um papel

ativo, utilizando-se dos objetos e de suas significações para conhecer, aprender e consecutivamente, se desenvolver. Nesta abordagem, aprendizagem e desenvolvimento se inter-relacionam, se misturam e se completam, proporcionando ao indivíduo a responsabilidade de sua aprendizagem. O ser humano interage, se adapta e aprende.

Finalizando, temos a Teoria da Aprendizagem Cognitiva ou Cognitivismo. Surgiu nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960 como uma forma de crítica ao Comportamentalismo, que postulava, em linhas gerais, a aprendizagem como resultado do condicionamento de indivíduos quando expostos a uma situação de estímulo e resposta.

Esta teoria pode ser definido, resumidamente, conjunto de habilidades mentais necessárias para a construção de conhecimento sobre o mundo. Os processos cognitivos envolvem, portanto, habilidades relacionadas ao desenvolvimento do pensamento, raciocínio, linguagem, memória, abstração etc.; têm início ainda na infância e estão diretamente relacionados à aprendizagem. Os principais teóricos cognitivistas, onde destacamos Piaget, Wallon e Vigotsky.

Jean Piaget (1896-1980) acredita que o desenvolvimento cognitivo ocorre em uma série de estágios sequenciais e qualitativamente diferentes, através dos quais vai sendo construída a estrutura cognitiva seguinte, mais complexa e abrangente que a anterior. Nesse sentido a teoria piagetiana considera a inteligência como resultado de uma adaptação biológica, aonde o organismo procura o equilíbrio entre assimilação e acomodação para organizar o pensamento. O que determina o que o sujeito é capaz de fazer em cada fase do seu desenvolvimento é o equilíbrio correspondente a cada nível mental atingido.

Henry Wallon (1879-1962) argumenta que o desenvolvimento cognitivo como um processo social e interacionista, no qual a linguagem e o entorno social assumem um papel fundamental. Em seu ponto de vista, o desenvolvimento é feito em etapas, mas procura o entendimento do sujeito em sua integralidade: biológica, afetiva, social e intelectual. Desta forma, a existência do indivíduo se dá entre as exigências do organismo e da sociedade e seu desenvolvimento ocorre por meio de uma construção progressiva em que predominam ora aspectos afetivos, ora cognitivos estabelecidos, através das relações entre um ser e um meio que se modificam reciprocamente.

Lev Vygotsky (1896-1934) No seu entender, sua teoria, a aprendizagem promove o despertar de processos internos de desenvolvimento que não ocorreriam senão por meio das interações estabelecidas com o meio externo ao longo da vida. Como fruto dessas trocas e interações, o cérebro tem a capacidade de criar novos conhecimentos, isto porque o contato com outras experiências ativa as potencialidades do aprendiz em elaborar seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro.

Podemos com clareza afirmar que a principal contribuição das teorias cognitivas é permitir um maior nível de compreensão sobre como as pessoas aprendem, partindo do princípio de que essa aprendizagem é resultado da construção de um esquema de representações mentais que se dá a partir da participação ativa do sujeito e que resulta, em linhas gerais, no processamento de informações que serão internalizadas e transformadas em conhecimento.

(<https://www.infoescola.com/educacao/teoria-cognitiva/>)

Seria difícil superestimar a importância do psicólogo suíço Jean Piaget (1896 – 1980) para a pesquisa do desenvolvimento. A teoria do desenvolvimento cognitivo geralmente considerada como a

mais compreensiva é a dele. Embora certos aspectos da teoria de Piaget tenham sido questionados e, em alguns casos, refutados, sua influência é imensa. Na verdade, a contribuição de sua teoria, como a de outros, é mostrada mais pela sua influência em teorias e em pesquisas posteriores do que por sua exatidão máxima.

Piaget ingressou, pela primeira vez, no campo do desenvolvimento cognitivo quando, enquanto trabalhava como estudante já graduado no laboratório psicométrico de Alfred Binet, ficou intrigado com as respostas erradas das crianças aos itens do teste de inteligência. Para entender a inteligência, raciocinava Piaget, a investigação deve ser dupla:

- (1) observar o desempenho de uma pessoa e
- (2) considerar também por que esta pessoa assim desempenhava, incluindo os tipos de pensamento subjacentes às ações da mesma.

O raciocínio de Piaget seguia o de seu mentor Binet na primeira cláusula, mas não na segunda. Particularmente, Piaget raciocinava que os pesquisadores podiam aprender tanto sobre o desenvolvimento intelectual das crianças, a partir do exame de suas respostas incorretas aos itens dos testes, quanto sobre o exame de suas respostas corretas.

Pelas suas reiteradas observações de crianças, inclusive de seus próprios filhos, e especialmente mediante investigação de seus erros de raciocínio, ele concluiu que sistemas lógicos coerentes fundamentam o pensamento das crianças. Tais sistemas, acreditava ele, diferem em espécie dos sistemas lógicos que os adultos usam. Se vamos entender o desenvolvimento, devemos identificar esses sistemas e suas características diferenciais. Nas seções a seguir, primeiro consideramos alguns dos princípios gerais de Piaget sobre o desenvolvimento e, depois, observamos os estágios de desenvolvimento que ele propôs.

Princípios gerais da Teoria do Desenvolvimento de Piaget

Piaget acreditava que a função da inteligência é auxiliar a adaptação ao ambiente. Em sua concepção, os meios de adaptação formam um continuum que varia de meios relativamente inteligentes, tais como hábitos e reflexos, a meios relativamente inteligentes, tais como os que exigem insight, representação mental complexa e a manipulação mental de símbolos. De acordo com seu foco na adaptação, acreditava que o desenvolvimento cognitivo acompanhava-se de respostas cada vez mais complexas ao ambiente. A seguir, Piaget propôs que, com a crescente aprendizagem e maturação, tanto a inteligência quanto suas manifestações tornam-se diferenciadas – mais altamente especializadas em vários domínios.

Embora Piaget usasse a técnica de pesquisa da observação, grande parte de sua pesquisa era também uma exploração lógica e filosófica de como o conhecimento se desenvolve, desde formas primitivas até sofisticadas, acreditava que o desenvolvimento ocorre em estágios que evoluem pela equilibração, na qual as crianças procuram um balanço (equilíbrio) entre o que encontram em seus ambientes e as estruturas e os processos cognitivos que levam a esse encontro, bem como entre as próprias capacidades cognitivas. A equilibração envolve três processos. Em algumas situações, o modo de pensamento e os esquemas (estruturas mentais) existentes na criança são adequados para enfrentar e adaptar-se aos desafios do ambiente; ela está, assim, em um estado de equilíbrio. Por exemplo, suponhamos que Arthur, de 2 anos de idade, usa a palavra au-au para abarcar todos os animais peludos quadrúpedes

que se assemelham ao seu próprio cachorro; enquanto todos os animais quadrúpedes que ele vê forem como os cachorros que já viu, Arthur permanece em um estado de equilíbrio.

Em outras ocasiões, entretanto, a criança é presentada com informação que não se adapta aos seus esquemas existentes, de modo que surge o desequilíbrio quando os esquemas existentes na criança são inadequados para os novos desafios que a mesma enfrenta. Ela, conseqüentemente, tenta restaurar o equilíbrio pela assimilação – incorporação da nova informação aos esquemas existentes na criança. Por exemplo, suponhamos que o cachorro de Arthur é um grande labrador e que Arthur vai ao parque e vê um poodle, um cocker spainel e um cão-esquimó. Ele tem de assimilar a nova informação em seus esquemas existentes para au-aus – nenhuma grande coisa.

Suponhamos, entretanto, que Arthur também visita um pequeno zoológico e vê um lobo, um urso, um leão, uma zebra e um camelo. Ao ver cada novo animal, ele parece perplexo e pergunta à sua mãe: “Au-au?” A cada vez, sua mãe diz: “!Não, este animal não é um cachorro. Este animal é um _____ [nomeia o animal]”. Ele não pode assimilar esse animais diferentes em seu esquema existente para au-aus; em vez disso, ele tem de modificar, de algum modo, seus esquemas a fim de considerar a nova informação, criando, talvez um esquema abrangente para animais, ao qual ele adapta seu esquema existente para cachorros. Piaget sugeria que Arthur modificasse os seus esquemas existentes pela acomodação – mudança dos esquemas existentes para adaptá-los à nova informação relevante sobre o ambiente. Em conjunto, os processos de assimilação e de acomodação resultam num nível mais sofisticado de pensamento do que era possível previamente. Além disso, esses processos resultam no restabelecimento do equilíbrio, oferecendo, desse modo, à pessoa – tal como Arthur – níveis superiores de adaptabilidade.

Estágios de desenvolvimento de Piaget

Segundo Piaget, os processos equilibradores da assimilação e da acomodação são responsáveis por todas as mudanças associadas ao desenvolvimento por todas as mudanças associadas ao desenvolvimento cognitivo. Na sua concepção, é mais provável que o desequilíbrio ocorra durante os períodos de transição entre estágios. Isto é, apesar de Piaget ter postulado que os processos equilibradores continuam por toda infância, à medida que as crianças adaptam-se continuamente ao seu ambiente, ele também considerou que o desenvolvimento envolve estágios distintos, descontínuos. Particularmente, Piaget dividiu o desenvolvimento cognitivo nos quatro estágios principais resumidos aqui: os estágios sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

O Estágio Sensório-Motor

O primeiro estágio de desenvolvimento, o estágio sensório-motor, envolve aumentos no número e na complexidade de capacidades sensoriais (input) e motoras (output) durante a infância – aproximadamente do nascimento a cerca de 18-24 meses de idade. Segundo Piaget, as primeiras adaptações do bebê são reflexivas. Gradualmente, os bebês obtêm controle consciente e intencional sobre suas ações motoras. A princípio, eles agem assim para manter ou repetir sensações interessantes.

Mais tarde, entretanto, exploram ativamente seu mundo físico e buscam com afincos novas e interessantes sensações.

O DESENVOLVIMENTO DA MOTRICIDADE: A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O indivíduo vive imerso em um espaço em que tanto ele quanto os objetos que o rodeiam formam um conjunto de relações que se estruturam com grande complexidade: daí a necessidade de percebê-las e representá-las mentalmente. O desenvolvimento dele dar-se-á pela apropriação de linguagens e de formas cognitivas mais complexas existentes em seu contorno cultural, a qual ocorre nos inúmeros em que ele estabelece e percebe relações com elementos de sua cultura e as avalia.

Desde o nascimento, graças à maturação do sistema nervoso e à realização de tarefas variadas com diferentes parceiros em situações cotidianas, a criança desenvolve seu corpo e os movimentos que com ele pode realizar. Os mecanismos que usa para orientar o tronco e as mãos em relação a um estímulo visual, por exemplo, são complexos e acionados à medida que ela manipula e encaixa objetos, lança-os longe e os recupera, os empurra, puxa, prende e solta. Locomove-se, assume posturas e expressa-se por gestos, que são cada vez mais ampliados.

De início o recém-nascido pode apenas diferenciar seu próprio corpo do mundo que o rodeia. Depois toma a si mesmo como referência para perceber o entorno. Ao movimentar o corpo no espaço, recebe informações próprio- perceptivas (cinestésicas, labirínticas) e externo- perceptivas (especialmente visuais) necessárias para interpretar e organizar relações entre os elementos, formulando uma representação daquele espaço. A motricidade também se desenvolve por meio da manipulação de objetos de diferentes formas, cores, volumes, pesos e texturas. Ao alterar sua colocação postural conforme lida com esses objetos, variando as superfícies de contato com eles, a criança trabalha diversos segmentos corporais com contrações musculares de diferentes intensidades. Nesse esforço, ela se desenvolve.

Se, até aproximadamente os 6 anos, a criança tem uma perspectiva egocêntrica na sua percepção das relações que estabelece com elementos do espaço- proximidade e distância, ordem e inclusão, continuidade e ruptura, etc.- a partir daquela idade vai assumir cada vez mais pontos de vista externos a si mesma para compreender o mundo.

Os recursos de que as crianças dispõem, contudo, não constituem apenas atos motores, mas são instrumentos para a realização de atividades simbólicas, como por exemplo, marchar para ser um soldado ou arrastar-se com cuidado para ser um explorador de tesouros, simbolismos que aprende de sua cultura. Além disso, a criança nasce em um mundo onde estão presentes sistemas simbólicos diversos socialmente elaborados, particularmente o sistema linguístico. Este perpassa as atividades produzidas no ambiente humano em que a criança se desenvolve e permite-lhe apropriar-se da experiência das gerações precedentes.

A capacidade de adquirir a língua de seu grupo é uma característica específica da espécie humana e supõe um equipamento anatômico e neurofisiológico adaptado, particularmente órgãos periféricos e sistema nervoso central apropriados e em adequado estado de funcionamento. Contudo, a aquisição da linguagem é um processo sócio- histórico. O desenvolvimento da linguagem apoia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra

pessoa, motivação parcialmente inata, mas enriquecida durante o primeiro ano de vida nas experiências interpessoais com a mãe, pai, irmãos e outros educadores.

As crianças engajam-se, desde o primeiro momento, em um processo de comunicação no qual são estimuladas a desenvolver procedimentos que lhes permitem questionar o mundo e apropriar-se dele. Desde cedo o entorno humano empreende uma diligência ativa de integração do bebê em formas pré-construídas da língua: nas atividades conjuntas, parceiros mais experientes apresentam-lhe normas relativas tanto aos comportamentos e às formas de relações interpessoais como às palavras da língua e suas condições de uso.

O desenvolvimento da capacidade de perceber e produzir sons da fala é o precursor mais direto da linguagem. Os bebês logo discriminam sons, são sensíveis a entonações, passam seletivamente a reagir a sons próprios de sua língua materna enquanto esquecem outros. Tal desenvolvimento vai se enriquecer com a formação da capacidade tanto de categorização de objetos, que será a base da denominação e da referência, como de imitação e memória, necessárias para reproduzir padrões vocais e gestuais. Esse trabalho formativo se prolongará por toda a vida, especialmente por meio da educação escolar, e garantirá a aquisição, reprodução e transformação das significações sociais culturalmente construídas.

O sistema linguístico é operável em torno dos 4 a 5 anos, época em que a criança domina o essencial do sistema fonológico, conhece o sentido e as condições de uso de muitas palavras em sua cultura e utiliza corretamente a maior parte das formas morfológicas e sintáticas de sua língua. A partir dos 5 anos ocorrem novos progressos. Tal sistema continua a se reorganizar e aperfeiçoar até a pré-adolescência, enriquecido pelas experiências culturais das crianças, particularmente por sua vivência escolar.

A construção social dos conhecimentos em ambientes socio-culturais específicos dependem assim da comunidade de intercâmbio à qual pertence o aprendiz e dos ambientes de aprendizagem criados como recurso para a aprendizagem. Nesses ambientes, tempos, espaços e atividades definem práticas sociais que trabalham diferentes competências ou instituem ritos de formação de habilidades e atitudes julgadas básicas para o desenvolvimento social das novas gerações.

De início, pensamento e linguagem têm origens diversas. Há o pensar sensorio-motor e a linguagem não cognitiva, por exemplo, os balbúlios. No entanto, ambos os elementos convergem no desenvolvimento para a formação do pensamento discursivo. A habilidade da criança para refletir sobre a definição de uma palavra é uma capacidade multifacetada e de lento desenvolvimento, com precursores cognitivos e linguísticos. Incapaz de definir uma impressão, a criança simplesmente a exprime, usando uma linguagem exclamativa. Incapaz de “pensar” um fenômeno, fixando suas características essenciais e descartando as acessórias, ela verbaliza apenas seus elementos mais notáveis.

O relato infantil de determinado caso ou evento não busca o equilíbrio entre causas e efeitos, a proporcionalidade entre ação e resultado, a coerência entre as partes. É formado pelo encadernamento de circunstâncias. A descrição de algo pela criança requer-lhe coordenar as próprias impressões e processos mentais. Implica processo gestual, ideomotor, ou identificação do objeto consigo mesmo, estabilizando-o. Por sua vez, as tarefas de definir e de explicar supõem um movimento de isolamento de palavras dentro de

(identificando parâmetros, variáveis e relações e tomando conta com fórmulas, equações, variáveis e incógnitas) e conhecendo a “sintaxe” (regras para resolução) de uma equação.

MÚLTIPLOS E DIVISORES.

Compreender o conceito de múltiplo e divisor de um número inteiro é muito importante para resolver grande parte dos cálculos matemáticos. Esses conceitos são válidos tanto para os números naturais quanto para os números inteiros, visto que os números naturais estão contidos nos números inteiros:

$$\mathbb{N} \subset \mathbb{Z}$$

Múltiplos de um número inteiro

Conhecidos os números inteiros m e n , o número m será múltiplo de n se, e somente se, existir um número inteiro k , de modo que:

$$m = n \cdot k$$

Para verificar se um número é múltiplo de outro, basta encontrar um número inteiro de modo que a multiplicação entre eles resulte no primeiro número.

Exemplos:

- a) 35 é múltiplo de 7, pois 35 é igual a 7 multiplicado pelo número inteiro 5.
- b) 63 é múltiplo de 21, pois 63 é igual a 21 multiplicado pelo número inteiro 3.
- c) 22 não é múltiplo de 3, pois não existe número inteiro que, multiplicado por 3, resulte em 22.

Do exemplo a, perceba que $m = 35$, $n = 7$ e que o número a determinar a existência é $k = 5$. O mesmo vale para os demais exemplos. Perceba também que, caso não encontremos o valor de k , podemos afirmar que os números não são múltiplos.

Múltiplos de 2

- $2 \cdot 1 = 2$
- $2 \cdot 2 = 4$
- $2 \cdot 3 = 6$
- $2 \cdot 4 = 8$
- $2 \cdot 5 = 10$
- $2 \cdot 6 = 12$
- $2 \cdot 7 = 14$
- $2 \cdot 8 = 16$
- $2 \cdot 9 = 18$
- $2 \cdot 10 = 20$

Da definição de múltiplos, podemos perceber que os números que resultam da multiplicação por 2 são os múltiplos do número inteiro 2. Então, os múltiplos do número 2, que chamamos por $M(2)$, são:

$$M(2) = \{2;4;6;8;10;12;14;16;18;20;\dots\}$$

Múltiplos de 3

- $3 \cdot 1 = 3$
- $3 \cdot 2 = 6$
- $3 \cdot 3 = 9$
- $3 \cdot 4 = 12$
- $3 \cdot 5 = 15$
- $3 \cdot 6 = 18$
- $3 \cdot 7 = 21$
- $3 \cdot 8 = 24$
- $3 \cdot 9 = 27$
- $3 \cdot 10 = 30$

De maneira semelhante, perceba que todos os números que são resultados da multiplicação por 3 são múltiplos do número inteiro 3. Veja:

$$M(3) = \{3;6;9;12;15;18;21;24;27;30;\dots\}$$

Observação

O número zero pertence ao conjunto dos inteiros e sabemos que qualquer número multiplicado por zero é igual a zero, ou seja, o número zero é múltiplo de todo número inteiro.

$$0 = 0 \cdot k$$

Divisor de um número inteiro

Conhecidos os números m e n , dizemos que n é divisor de m se n for múltiplo de m , em outras palavras, a divisão de n por m deve deixar resto 0.

Exemplos:

- a) 21 é múltiplo de 7, então 7 é divisor de 21.
- b) 99 é múltiplo de 11, então 11 é divisor de 99.
- c) 12 não é múltiplo de 5, então 5 não é divisor de 12.

Nos exemplos a e b, que trazem as divisões de 21 por 7 e 99 por 11, o resto é igual a 0.

Representamos os divisores de um número da seguinte maneira:

- a) Divisores de 2: $D(2) = \{1;2\}$
- b) Divisores de 3: $D(3) = \{1;3\}$
- c) Divisores de 20: $D(20) = \{1;2;4;5;10;20\}$

Propriedade dos múltiplos e divisores

As propriedades que envolvem múltiplos e divisores estão relacionadas com a divisão de dois números inteiros. Das definições, podemos perceber que, quando um número inteiro é múltiplo de outro, ele também é divisível por esse outro número.

Para as duas primeiras propriedades, tome dois números inteiros N e d e considere o algoritmo.

$$N = d \cdot q + r, \text{ com } q \text{ e } r \text{ também naturais}$$

N é o dividendo, d é o divisor, q é o quociente e r é o resto.

O número -7 , por exemplo, é inteiro. Para escrevê-lo na forma de fração, basta fazer:

$$\frac{-7}{1}$$

Note que todas as frações equivalentes a essa são outra forma de escrever -7 na forma de fração.

3 – Decimais finitos

Qualquer decimal finito, ou seja, que possui um número limitado de casas decimais, pode ser escrito na forma de fração. Para isso, basta lembrar que todo decimal finito é resultado de uma divisão por alguma potência de base 10.

Exemplo: 2,455 é um decimal finito que possui três casas decimais. Isso significa que uma das frações equivalentes a ele possui denominador igual a 103. Essa fração é:

$$2,455 = \frac{2455}{10^3}$$

Dessa maneira, elimina-se a vírgula e divide-se esse número por uma potência de base 10 e expoente igual ao número de casas decimais.

4 – Dízimas periódicas

Uma dízima periódica é um decimal infinito em que existe um período, ou seja, uma repetição dentro dos decimais. Exemplo:

$$1,3333\dots$$

é uma dízima periódica de período 3.

$$1,454545\dots$$

é uma dízima periódica de período 45.

$$0,45626262\dots$$

é uma dízima periódica de período 62 e antiperíodo 45.

Uma dízima periódica sempre pode ser escrita na forma de fração. Para isso, tome o exemplo da dízima 2,565656...

Perceba que o período dessa dízima é 56, ou seja, existem dois algarismos no seu período. Iguale essa dízima a x e multiplique essa equação por 10^2 . Note que o expoente da potência de base 10 sempre será igual ao número de algarismos no período.

$$x = 2,565656\dots$$

$$100x = 256,5656\dots$$

Agora, subtraia a primeira equação da segunda:

$$100x - x = 256,5656\dots - 2,565656\dots$$

Observe que a parte decimal a ser subtraída é igual, portanto, as partes decimais terão resultado zero nessa subtração. Logo:

$$99x = 256 - 2$$

$$99x = 254$$

Resolvendo a equação, encontraremos a fração geratriz:

$$99x = 254$$

$$x = \frac{254}{99}$$

$$99$$

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/matematica/o-que-sao-numeros-rationais.htm>

ESTATUTO DO MAGISTÉRIO MUNICIPAL LCM Nº 1.488/16 E SUAS ALTERAÇÕES (LCM Nº 1.583/17 E Nº 1.741/23)

Prezado(a),

A fim de atender na íntegra o conteúdo do edital, este tópico será disponibilizado na Área do Aluno em nosso site. Essa área é reservada para a inclusão de materiais que complementam a apostila, sejam esses, legislações, documentos oficiais ou textos relacionados a este material, e que, devido a seu formato ou tamanho, não cabem na estrutura de nossas apostilas.

Por isso, para atender você da melhor forma, os materiais são organizados de acordo com o título do tópico a que se referem e podem ser acessados seguindo os passos indicados na página 2 deste material, ou por meio de seu login e senha na Área do Aluno.

Visto a importância das leis indicadas, lá você acompanha melhor quaisquer atualizações que surgirem depois da publicação da apostila.

Se preferir, indicamos também acesso direto ao arquivo pelo link a seguir:

<https://lins.siscam.com.br/Documentos/Documento/165306>

Bons estudos!

QUESTÕES

1. A concretização da avaliação de contexto na Educação Infantil sugere, além do aprofundamento das temáticas emergidas da prática pedagógica, na relação direta com as crianças, sujeitos principais do processo educativo, a promoção de uma “consciência pedagógica”, nos(as) professores(as), na busca de práticas que garantam um conceito de qualidade. Significa dizer que a avaliação precisa estar vinculada aos demais processos educativos:

- (A) Planejar, observar, corrigir e documentar
- (B) Observar, registrar, planejar e executar
- (C) Planejar, observar, registrar e documentar
- (D) Observar, planejar, registrar e executar